

O dossiê temático, a entrevista e os ensaios

Abrimos o quinto ano de publicação da *Aniki* com um dossiê temático que explora a relação entre música, som e cinema, editado por Manuel Deniz Silva (Universidade de Aveiro), que o apresenta mais detalhadamente na introdução “Música, som e imagens em movimento: por uma perspetiva ‘indisciplinada’ da experiência cinematográfica”. Todos os textos do dossiê foram submetidos a um processo de revisão cega por pares.

Em articulação com o tema do dossiê, este número da *Aniki* inclui uma entrevista feita pelo nosso editor convidado, Manuel Deniz Silva, a Claus Tieber e Anna K. Windish, dois investigadores da Universidade de Salzburgo. Editores do livro *The Sounds of Silent Films: New Perspectives on History, Theory and Practice* (2014), de momento lideram o projecto “The Sound of Silents. Sound and Music in Viennese Cinemas, 1896-1930”. Na entrevista os dois investigadores salientam a importância da modificação das metodologias de trabalho nestas áreas. Nomeadamente a passagem das análises textuais de partituras, para uma abordagem que tenha em conta modos de exibição e performance, e que possua uma visão mais compreensiva do papel da música, não filme a filme, mas na própria definição global e geográfica do cinema como fenómeno complexo. A música vista como elemento primordial do cinema e que se define muito para além de uma ligação à narrativa ou a uma abordagem de conteúdo, tendo também de ter em conta uma série imprescindível de idiossincrasias históricas, condições económicas e sociais de produção. Este é um dos pontos de partida desta troca de impressões que aborda vários temas fulcrais acerca da importância da música para a compreensão do media compósito do cinema.

A seção Ensaios recebe permanentemente submissões fora do tema do dossiê. Abrimos a seção com “O universo de coisas de Apichatpong Weerasethakul: A fenomenologia para além da relação entre o humano e o mundo”. Neste ensaio, Júlio Bezerra analisa o maravilhoso universo cinematográfico criado por Apichatpong Weerasethakul, no cruzamento metodológico da fenomenologia de Merleau-Ponty com o realismo especulativo de Whitehead. A sua análise versa a desterritorialização do “humano”, termo central no pensamento filosófico que nos filmes de Apichatpong é levado aos limites do pensável, para lá do antropocentrismo da subjetividade humana. O filme *Cemitério do esplendor* (2015) coloca o espectador

perante uma ontologia dos afetos e perceptos não-humanos. Assim, anulando a previsível ligação-oposição entre o ser humano e o mundo, o autor do ensaio analisa uma cinematografia singular que prima pela composição poética quer do naturalismo, quer do carácter mágico da ancestral relação entre os entes humanos e não-humanos.

Com a leitura do texto seguinte, “Casa tomada: O medo em *El hombre de al lado* (Gastón Duprat e Mariano Cohn, 2009)”, avançamos num percurso reflexivo sobre o que caracteriza a subjetividade humana, em particular, o valor das relações interpessoais. A autora do ensaio, Natalia Christofolletti Barrenha, apresenta-nos uma análise fílmica de *El hombre de al lado* centrando-se nas consequências sociais e éticas provocadas pela inesperada intromissão do “outro” na privacidade de cada um: o outro, o “estranho”, é neste filme a origem do sentimento de medo que vai crescendo ao longo da narrativa. A arquitetura, a vivência do espaço familiar e os conflitos de classe são elementos chave para se compreender a análise levada a cabo, numa leitura que extravasa a experiência cinematográfica e que encontra na literatura argentina do século XX ecos culturais e históricos importantes.

A encerrar, André Fagundes Pase e Roberto Tietzmann apresentam-nos uma ousada e necessária atualização da teoria de André Bazin sobre a “montagem proibida” através da análise dos jogos. Os autores do ensaio “A longa duração nos planos dos jogos digitais: aproximações e empréstimos do cinema” exploram o referido princípio baziniano e o uso dos planos longos nos jogos digitais sempre com a ideia de que não basta encontrar semelhanças e fazer paralelismo entre os planos criados pelas duas formas artísticas. Desse modo, Pase e Tietzmann tecem uma narrativa cronológica que procura reunir as mais importantes contribuições para este debate, desde os *arcades* de um só plano até à longa duração dos mais recentes jogos digitais, com o objetivo de destacarem a integridade da própria experiência dos jogadores.

As resenhas de livros e conferências

Nesta edição publicamos três resenhas a livros e um relatório de conferência. A secção abre com uma resenha de Sérgio Dias Branco a *Buñuel e o Surrealismo: A Arquitetura do Sonho*, uma obra de Miriam Tavares, baseada na tese de doutoramento da autora, defendida há dezoito anos. Nela considera-se de que modo a obra cinematográfica de Luis Buñuel se relaciona com o movimento surrealista nas artes, tal como conceptualizado por André Breton, propondo-se que esta obra reconfigura o espírito surrealista. Dias Branco enaltece a concisão e incisividade da escrita, que avalia como sintomas da profundidade do conhecimento da autora.

Cinema Português. Interseções Estéticas nas Décadas de 60 a 80 do Século XX, de Nelson Araújo, doutorado em artes visuais, é recensada por Filipa Rosário. Vários filmes emblemáticos do cinema português são, segundo Rosário, “interpretados [por Araújo] à luz do contexto histórico e cultural do tempo da produção dos filmes e no âmbito de um quadro teórico cujas ideias mais estruturantes remontam a Adorno, Benjamin e Brecht”. A autora refere que a grande força do livro radica em analisar, com energia, um conjunto de obras desafiadoras – por serem “profundamente sofisticadas, cultas, por vezes herméticas, a exigir contextualização e decodificação” – para os espectadores.

Iván Villarrea Álvarez assegura a recensão de *Euro-Visions. Europe in Contemporary Cinema*, resultante de outra tese de doutoramento, a de Mariana Liz. Nesta obra, a procura de respostas em torno do cinema europeu enquadra-se numa avaliação das obras distribuídas, entre 1992 e 2014, com o apoio do programa MEDIA sendo que o verdadeiro objeto de estudo desta obra é a evolução recente da política audiovisual da União Europeia. Assinalando que o livro tem “um inevitável viés ideológico, como todas as obras, que implica um posicionamento indireto a favor do discurso institucional da UE [...] e a favor também do cinema *middlebrow*”, Villarrea Álvarez considera que as principais ideias da autora são expostas de forma muito clara e sintética.

Fátima Chinita assistiu ao 23.º encontro anual da Société d'Études et de Recherches sur le Cinéma Anglophone (SERCIA), que decorreu de 7 a 9 de Setembro, em Bolonha, na Itália, subordinado ao tema “*That's Entertainment!*”: *Spectacle, Amusement, Audience and the Culture of Recreation in the Audiovisual Context of English Speaking-Countries*. Relata o que foi proposto pelos *keynote speakers*, Richard Dyer e Krin Gabbard, bem como os comentários dos respondentes respectivos e sumariza o que foi apresentado nos vários seminários, dominados por comunicações sobre cinema e televisão de língua inglesa mas abrangendo vários géneros de produções, da cultura popular *mainstream* ao cinema de autor mais alternativo.

As exposições e festivais

A secção “Exposições e festivais” conta neste número com dois textos, o primeiro dos quais assinado por Patricia Zimmerman, dando conta da última edição do Flaherty Seminar (Colgate University, EUA). Programado pelo curador português Nuno Lisboa e intitulado “Future Remains”, o seminário reuniu 172 participantes em torno de 10 realizadores: Vincent Carelli (Brasil), Filipa César (Portugal), Kevin Jerome Everson (EUA), Dominic Gagnon (Canadá), Laura Huertas Millán (Colômbia), Sana Na N’Hada (Guiné-Bissau), Peter Nestler (Alemanha/Suécia), Laura Poitras (EUA), Trinh T. Minh-ha (Vietname/EUA), Eduardo Williams (Argentina). No seu texto,

Zimmerman não só recorda a história (e a reputação mítica) do célebre seminário de cinema documental, fundado em 1955 por Frances Flaherty, mas evoca também os momentos mais fortes – e os debates mais intensos – que marcaram o encontro. Por seu lado, a pesquisadora e curadora brasileira Patrícia Mourão passa em revista a 20.^a edição do festival Vídeobrasil (São Paulo 2017), concentrando-se sobre as questões geopolíticas e pós-coloniais evocadas por alguns trabalhos daquela que foi a primeira participação portuguesa no evento, assegurada por Filipa César, Pedro Barateiro e Von Calhau! (Marta Ângela e João Alves). Tecendo uma série de aproximações a trabalhos brasileiros e africanos, Mourão destaca e discute a forma como a representação portuguesa parece “partilhar uma melancolia relativa à situação atual da Europa e do seu passado”.